

2 Caminhos Percorridos: A Metodologia

Com o intuito de melhor compreender o trabalho desenvolvido pela República do Pequeno Vendedor no atendimento às crianças e aos adolescentes em situação de rua em Belém, este estudo descreve e analisa documentos, regimentos, apresenta história, estrutura, descreve programas, projetos e ações e o funcionamento da RPV, apontando congruências e discrepâncias entre os dados verificados em *locus* e as práticas descritas pelos entrevistados e a observação realizada.

Para executar esta pesquisa foi utilizada como arcabouço teórico e metodológico a Abordagem qualitativa, já que ela possibilita uma melhor triangulação dos dados coletados.

2.1 Tipo de estudo

O estudo fundamenta-se no pressuposto da abordagem qualitativa, assumindo suas variadas formas de compreensão da realidade para atingir seu objetivo proposto. Entende-se que a adequação desta abordagem ao presente estudo concentra-se, principalmente, na possibilidade de compreender os significados existentes nas ações dos indivíduos e do movimento que serão foco da pesquisa, relacionando-se com a realidade social em que eles estão inseridos.

A abordagem qualitativa na produção do conhecimento privilegia a relação sujeito-objeto não como uma relação de opostos, mas como um contínuo coletivo na produção do conhecimento no processo de investigação.

O paradigma qualitativo apresenta um elenco muito grande metodologias disponíveis para compreensão da realidade, por isso julgamos válido usar o referido paradigma.

Como nosso objeto de estudo será o trabalho de socialização de meninos de rua em Belém, tendo como foco central a República do Pequeno Vendedor, que é um movimento que atua na defesa, na promoção, na socialização e na inserção de meninos de rua na sociedade e caracteriza-se como um movimento singular em Belém do Pará, considera-se o trabalho como um estudo de caso, ainda que utilize determinados indicadores quantitativos imprescindíveis para a elucidação e

compreensão do que será estudado, bem como, para identificar porque o trabalho desenvolvido pela República tem relevância social na sociedade paraense.

Segundo André (2005) o estudo de caso, é considerado um tipo de análise qualitativa e vem sendo adotado há muito tempo em diferentes áreas de conhecimento, tais como: sociologia, antropologia, medicina, psicologia, serviço social, direito e administração com variações quanto aos instrumentos e finalidades.

Na área da educação, o estudo de caso começa a aparecer nos manuais de pesquisa a partir das décadas de 60 e 70, mas com um sentido muito estrito: estudo descritivo de uma unidade seja ela uma escola, um professor um grupo de alunos ou uma sala de aula.

Um marco representativo para esta perspectiva na área da educação foi, segundo André (2005) a Conferência internacional realizada em dezembro de 1957, em Cambridge, na Inglaterra, para discutir novas abordagens em pesquisa e avaliação educacional. Podemos dizer que o estudo de caso está mais presente e sendo utilizado no âmbito da pesquisa educacional, porque ajuda na compreensão do fenômeno educativo de forma abrangente e aprofundada.

O estudo de caso na pesquisa educacional caracteriza-se fundamentalmente, por ser um estudo qualitativo de uma realidade específica, como no caso da República do Pequeno Vendedor. É um tipo de pesquisa cuja natureza de sua abrangência será dada pelo próprio objeto que está sendo investigado, por isso ele se torna uma expressão relevante na pesquisa educacional, pois: *“estudo de caso não é uma escolha metodológica, mas uma escolha de objeto a ser estudado”* (STAKE apud ANDRÉ, 2005: 16)

Para Triviños (1987), estudo de caso está determinado pelos seus suportes teóricos que servem de orientação ao trabalho do investigador. Neste sentido, penso que o estudo de caso é um método considerado de análise qualitativa; por este motivo, tem sido visto por alguns autores não tanto como um método de pesquisa, mas como um recurso pedagógico ou uma maneira para se gerar meios para “facilitar o trabalho do investigador”. (1987, p. 78).

Os atores da pesquisa

A República, como um movimento singular, está sempre na captura de processos de subjetivação singulares, respeitando os vários sujeitos nela envolvidos – agentes sociais: educadores, voluntários, funcionários, coordenadores, meninos, oficinairos, instrutores, entre outros agentes. Assim sendo, dialogamos com esses sujeitos que são ou foram protagonistas na construção da identidade da República do Pequeno Vendedor, entre eles: o fundador do movimento, coordenadores e ex-coordenadores, educadores antigos e atuais (sócio efetivo), sócios solitários e voluntários.

Esses sujeitos constituíram as peças principais da amostra intencional do trabalho. Foram eles que, no decorrer destes 40 anos de existência, fizeram e fazem à história da República do Pequeno Vendedor.

Os instrumentos

Na busca de dados, usamos três instrumentos de coleta, a saber: levantamento documental, entrevista e a observação participante.

O levantamento documental constitui-se na técnica de seleção de documentos históricos, tais como: cartilhas, estatutos, regimentos, panfletos, relatórios, projetos, entre outros, que contam ou retratam a história de pessoas ou organizações. Usamos a técnica com a finalidade relatar um pouco da trajetória de República do Pequeno Vendedor no trabalho de socialização de meninos de rua. Além de documentos da República do pequeno Vendedor, capturamos documentos em várias instituições, tais como: FUNPAPA, FUNCAP, MOVIMENTO NACIONAL DE MENINOS E MENINAS DE RUA, UNICEF-PARÁ LAR DE MARIA – inclusive assistimo a um vídeo com a história da instituição, onde seus fundadores relatam seu surgimento e as parcerias desenvolvidas com a República do Pequeno Vendedor-, Conselho Municipal dos direitos das Crianças e Adolescentes de Belém, entres outras.

Nosso ponto de partida foi historicizar e polemizar sobre: Estado, políticas públicas para infância, movimentos sociais e organizações não governamentais que atuam no atendimento a meninos de rua.

As entrevistas constituíram outro instrumento metodológico da pesquisa. Aliás, cada vez mais, as entrevistas tornam-se uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisas realizadas no âmbito das ciências

sociais, pois a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos (LÜDKE e ANDRÉ, 1986: 34). Para isso, elaboramos um roteiro de entrevista que teve a possibilidade, conforme a necessidade, de se adequar à especificidade de cada pessoa entrevistada.

O roteiro constituiu-se, além de dados sobre os entrevistados e opiniões avulsas, em quatro eixos temáticos: A origem; A situação do menino de rua; a República do Vendedor e Tipo de trabalho realizado (vide roteiro em anexo).

A observação participante foi outro instrumento de coleta de dados que permitiu-nos interagir com os sujeitos protagonistas da história da RPV. Através dela pudemos buscar e perceber de perto o funcionamento da República, as relações, os conflitos, as possibilidades e os limites existentes no do movimento.

Os procedimentos

Foram feitas oito entrevistas com os seguintes informantes: o fundador do movimento, coordenadores e ex-coordenadores, educadores antigos e atuais (sócio efetivo), sócios solidários e voluntários da República do Pequeno Vendedor, obedecendo ao roteiro pré-estabelecido que contou com 12 perguntas para cada entrevistado, o que resultou num universo muito grande de respostas, cada uma com informações necessárias para atender nosso objetivo. Devido à grande quantidade de respostas, achamos por bem não usar todas, porém, as usadas atenderam o objetivo do trabalho e acredita-se que as selecionadas corresponderam à visão dos entrevistados sobre o trabalho da República do Pequeno Vendedor. Achamos por bem não alterar a estrutura das respostas que se encontram reproduzidas da mesma forma como os entrevistados as expressaram.

A entrevista foi escolhida como um dos instrumentos para coleta de dados pela sua pertinência em trabalhos com enfoque qualitativo, facilitando a obtenção de maior número de informações no diálogo estabelecido com os entrevistados.

As entrevistas foram feitas entre os meses de maio e novembro de 2009, no próprio lugar de trabalho dos entrevistados, com exceção da entrevista com o fundador do movimento e de um sócio efetivo, que aconteceram em suas residências, o que causou certa dificuldade, pois os mesmos diziam não estarem

com disponibilidade para atendimento naquele momento. Quando se tentava marcar outro dia para conversar com os mesmos, eles respondiam que tinham dificuldades de datas devido suas tarefas profissionais. Isso fez lembrar as palavras de Triviños (1987:145): *“uma pesquisa pode enfrentar grandes dificuldades em seu desenvolvimento se as pessoas escolhidas para serem entrevistadas não têm tempo suficiente para atender às necessidades das entrevistas”*. Diante das dificuldades, um pouco de insistência foi necessário e, só assim, foi possível a efetivação das mesmas.

Primeiramente, entrevistamos os educadores, em seguida, conversamos com os coordenadores e ex-coordenadores, logo depois os sócio-efetivos e solidários, por último, e com certa dificuldade, por motivo de agenda, entrevistamos, no mês de novembro, o fundador e atual coordenador geral do movimento: Padre Bruno Sechhi. A entrevista com Pe. Bruno, por ser coordenador geral do Movimento República de Emaús e pároco da igreja São Domingos de Gusmão, na Terra Firme, bairro mais violento de Belém, foi a última entrevista a ser realizada, ocorrendo em uma das suas residências, - a do Movimento-, no pólo Bengui.

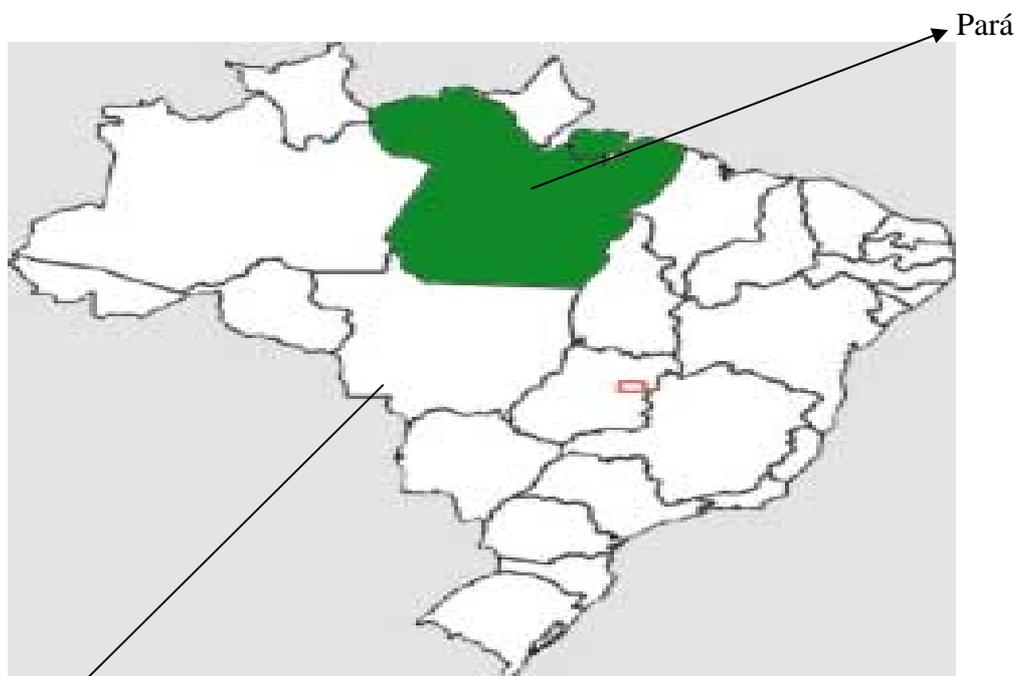
Local da Pesquisa

A pesquisa aconteceu nos dois pólos de atendimento aos meninos de rua pela República do Pequeno Vendedor. Os pólos ficam em dois grandes bairros periféricos da cidade de Belém, onde a população infanto-juvenil é numerosa. Outro aspecto que chama atenção nos bairros onde estão localizados os pólos de atendimento, é que apresentam grandes índices de marginalidade, tráfico de drogas, desemprego, prostituição, gangues, pobreza e pouca atenção do poder público para as questões sociais e de segurança pública.

Os mapas a seguir dão uma visualização da localização dos pólos de atendimento dentro da cidade de Belém. Mas antes, fazemos um pequeno histórico da cidade de Belém e dos bairros onde ficam localizados os pólos de atendimentos da República do Pequeno Vendedor.

A cidade de Belém com 1.428.368 hab. (est.IBGE/2005), é a capital do Estado do Pará, que por sua vez, é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Segundo dados do IBGE (2005) é o segundo maior estado do país com uma extensão de 1.253.164,5 km² e 6.970.586 habitantes. Está situado na região norte e

faz fronteiras com o Suriname e o Amapá ao norte, o oceano Atlântico a nordeste, o Maranhão a leste, Tocantins a sudeste, Mato Grosso a sul, o Amazonas a oeste e Roraima e a Guiana Francesa a noroeste.



Mapa 1 - Mapa do Brasil com o Estado do Pará em destaque

Brasil



Mapa 2 - Mapa do Estado do Pará com Belém em destaque

Belém é a maior cidade do norte do país, situada, tem um 1/3 da população do Pará. Sua economia é baseada no setor comercial e de serviços, com sérios problemas em consequência da ocupação desordenada na sua periferia: problemas de acesso à água potável, falta sistematizada de acondicionamento e coleta de lixo, calçamento sem conservação e dominados pelos camelôs, precários transportes urbanos e falta de saneamento básico, atualmente restrito a 8% das habitações que comprometem a qualidade de vida de seus habitantes no maior espaço urbano da Amazônia. (MEIRELLES, 2004: 38).

A cidade de Belém é um ponto de confluência da região, sendo considerada como a “metrópole da Amazônia”, por ser a maior concentração populacional do Norte brasileiro.

A colonização da cidade de Belém data do início do século XVII, como consequência da disputa da colonização das Américas pelas duas maiores potências da época, as Coroas Portuguesa e Espanhola (VIANA, 1967). Inicialmente batizada de Feliz Lusitânia, foi denominada também de Santa Maria do Grão Pará, Santa Maria de Belém do Grão Pará e, finalmente, Belém.

Iniciada como uma pequena aglomeração com intuítos militares, seus primeiros anos foram marcados pelo convívio quase que único com os nativos. Somente com a inauguração do Mercado do Ver-O-Peso e conseqüente mercantilização, a cidade começa a desenvolver-se. (AMARAL, 2007).

O processo migratório gerou em Belém, não diferentemente das outras capitais brasileiras, um inchaço urbano. Hoje Belém tem um grande déficit habitacional. Segundo a Comissão de Bairros de Belém, esse déficit estaria “na ordem de 200.000 unidades habitacionais”. (CBB apud AMARAL, 2007). Para agravar a situação uma grande porcentagem da população belenense reside nas regiões de baixadas (favelas) e tirando seu sustento graças à informalidade econômica.

Apesar da intensa verticalização da cidade, ainda permanecem na cidade “as formas mais antigas de ocupação do espaço, com estreitas vilas e passagens que acusam um uso bastante desorganizado do solo urbano abarrotados de casas estreitas” (RODRIGUES, 2007).

Belém reúne, em sua região metropolitana, cerca de 2,4 milhões habitantes, sendo a maior população metropolitana da região Norte, possui o

maior IDH entre as capitais da região norte. Foi erguida as margens do rio Guamá e a Baía do Guajará, conforme demonstramos nas fotos a seguir.



Foto 1 - O rio que passa ao fundo é o Guamá e o que se apresenta a frente é a baía do guajará – Foto: www.pará.gov.br



Foto 2 - Belém insular, com o rio Guamá ao fundo e a baía do Guajará a frente
Foto: www.pará.gov.br

O Município de Belém possui oficialmente 71 bairros e 8 distritos administrativos. Os bairros do Jurunas (periferia da zona sul) e do Bengui (centro da zona norte) possuem características peculiares que os diferenciam um do outro.

O Jurunas fica localizado de frente para o rio Guamá, próximo a baía do Guajará. A maioria de suas ruas recebeu nomes de tribos indígenas, como: Tupinambás, Tamoios, Mundurucus, Apinagés. É um bairro que recebe inúmeras visitas de pessoas vindas do interior do Estado, sendo que sua formação populacional se deve muito a esse fato. Junto com o bairro do Guamá forma o binômio mais populoso da cidade de Belém do Pará, com mais de trezentos e cinquenta mil (350.000.00) habitantes.

Em sua feição mais geral, o bairro apresenta os mesmos contrastes presentes em outros bairros periféricos das grandes cidades brasileiras. Ao lado de uma feição mais urbanizada, com ruas de traçado largo e bem pavimentadas, nas quais moradores mais recentes e de maior poder aquisitivo vivem em edifícios modernos, permanecem as formas mais antigas de ocupação do espaço, com estreitas vilas e passagens que acusam um uso bastante desorganizado do solo urbano, abarrotadas de casas estreitas – de alvenaria, madeira ou taipa – que parecem sempre inacabadas, em construção ou em reforma.

Indo além dessa configuração geral, pela qual se assemelha aos demais bairros de periferia da cidade, o Jurunas aparece, no imaginário urbano, como um bairro cujos moradores se apresentam / representam a partir de um conjunto de construções identitárias que circulam reiterativamente nos espaços públicos internos ou externos ao bairro. Segundo PENTEADO (1968), O signo Jurunas condensa diversos significados, recortando diversas dimensões da realidade: em primeiro lugar, é um bairro localizado na zona sul de Belém, à beira do rio Guamá, bairro secular, de *pobreza estabilizada que adquirir* diversos sentidos que vão sendo produzidos por seus moradores.

Sua população é constituída, em grande parte, por migrantes de origem ribeirinha que foram se localizando principalmente nas áreas mais próximas ao rio Guamá, no sentido centro-leste, em direção aos bairros da Condor, Guamá e Terra Firme, mas também circulando nas diversas ruas do bairro, seguindo as redes de parentesco e/ou de acordo com as condições econômicas. (CARMEM, 2007, p. 13)

Diversas imagens do bairro circularam e são reproduzidas em contextos específicos: bairro *comunitário*, onde vivem e convivem em contatos diuturnos, parentes, vizinhos e chegados, compadres e conterrâneos, através de extensas e intensas redes de relações pessoais; bairro *perigoso*, de vadios e desocupados, de bandidos e gangues, onde a violência está presente na vida cotidiana, e espreita a todos os moradores e visitantes; bairro de *trabalhadores* de baixa qualificação, de *camelôs* e *vendedores autônomos* de mão-de-obra barata, que pode ser aproveitada a baixo custo; bairro de *ocupantes - invasores sem-teto*, que enfrentam a polícia, desrespeitando as leis e o direito constituído; bairro de *eleitores-cidadãos*, cujas vozes e votos têm um peso considerável na política local; bairro de *antigas tradições festivas*, de *batuques* e *bois bumbás*, do carnaval e festas juninas

Entre os centros e os interstícios; entre os entornos das áreas nobres, mais verticalizadas e valorizadas, e as áreas mais periféricas, situadas nas fronteiras dos bairros ou subbairros mais afastados (Condor, Cremação); entre os moradores das casas e dos edifícios; entre os moradores das casas da frente e os moradores das casas dos fundos, os moradores das ruas e avenidas e os moradores das vilas, passagens ou becos, os moradores das áreas nobres e os moradores das zonas mais pobres, desenha-se um gradiente espacial que, ao mesmo tempo em que inclui os mais diversos setores ou subsetores do bairro, também exclui esses espaços e seus moradores através de qualificações valorativas (CARMEM, 2007, p. 20).

Esses setores são formados por parentes, amigos, vizinhos, compadres, colegas, *chegados*, com contatos que variam em constância e intensidade, de acordo com os dias da semana e do mês, e com o tipo de evento realizado. Um grande número de atividades de trabalho e de lazer dinamiza os diversos espaços do bairro, como a zona portuária, o entorno das igrejas, escolas, clubes esportivos, associações comunitárias, as casas de festas e as agremiações carnavalescas. Quanto às atividades econômicas propriamente ditas, predominam as comerciais, dos grandes aos pequenos comércios e principalmente as vendas de alimentos, bebidas e serviços, atividades informais, muitas delas oferecidas e/ou realizadas nas próprias residências, com intensa participação do círculo de parentes.

A referência empírica, no caso o bairro do Jurunas, se diferencia em relação aos demais bairros, pois está localizado na zona sul (PENTEADO, 1968), próximo à área central da cidade e constitui-se em um dos bairros mais populoso

ocupado principalmente, por uma população de baixa renda, que possui um grande consumo do “vinho” de açaí.

A localização do bairro, como se pode observar na foto abaixo, permite constatar sua peculiaridade: proximidade ao rio e, ao mesmo tempo, a ligação com uma das áreas mais valorizadas da cidade (o bairro de Batista Campos, centro e Nazaré).



Foto 3 - Bairro de frente para o rio Guamá
(ao fundo os bairros da Batista Campos , Centro e Nazaré) - Foto: www.pará.gov.br

O bairro do Jurunas, desde o início de sua ocupação, apresenta uma forte ligação com o rio, devido a sua própria localização, às margens do rio Guamá. Como um bairro que se desenvolveu à beira do rio, tornou-se um espaço de estabelecimento e circulação de moradores de áreas ribeirinhas situadas próximas a Belém, principalmente das ilhas e de municípios localizados ao longo dos rios Guamá e Tocantins, além de atrair moradores do Baixo e Médio Amazonas e do Marajó.

Os migrantes vindos diretamente do interior, ou estabelecidos inicialmente em outros bairros, participaram diretamente na construção do bairro, contribuindo em grande parte para sua feição atual. Soma considerável desses migrantes percorreram o “caminho das águas” até chegarem ao bairro. Vieram do rio à cidade. A porta de entrada da maioria desses migrantes foram os diversos portos localizados ao longo da orla do bairro.



Foto 4 - Porto do açaí no bairro do Jurunas – Foto: www.para.gov.br

Ao contrário do bairro do Jurunas que nasceu junto com a cidade, o bairro do Bengui data da década de 1940, período em que a cidade de Belém se expande bastante. Seu histórico é de ocupações desordenadas. O DABEN (distrito administrativo do Bengui) como é denominado oficialmente, está situado às margens da Rodovia Augusto Montenegro, na periferia de Belém (Zona Norte). O nome procede da junção das primeiras sílabas de Benjamim e Guilherme, filhos de uma família que residia às margens da estrada onde outrora passava a linha do trem que ligava o centro de Belém à antiga Vila Pinheiro (atual distrito de Icoaraci);

A história do nascimento do nome do Bairro do Bengui está relacionado a estrada de ferro Belém -Bragança. A estrada de ferro saía de Belém, ia até Icoaraci e depois até Bragança, passando por Castanhal e Capanema. A estrada de ferro era comandada por ingleses, um deles morava as margens da Augusto Montenegro, mais ou menos onde hoje é à entrada do bairro do Bengui. Nesse ponto foi colocada uma placa escrito BEM e GUI, onde o maquinista deveria parar todas as manhãs e apanhar o Benjamin e o Guilherme, que iam para a escola em Castanhal. A partir daí aquela parte da cidade passou a se chamar BENGÜI.

(BLOG DO SILVIO JUNIOR/ 10-02-2010).

A história do crescimento do bairro está intimamente ligada ao processo da expansão urbana desordenada de Belém, com todas as peculiaridades que esse fenômeno acarreta: falta de infra-estrutura; alto índice de violência; falta de segurança; precariedade nos serviços de saúde; desemprego ou subemprego; alto

índice de trabalhadores no mercado informal e precariedade do sistema educacional.

No que diz respeito à educação; a evasão escolar é um dos grandes desafios, o problema da gravidez na adolescência, o envolvimento com drogas e o trabalho infantil são outros desafios a serem superados pelo bairro.

Um aspecto peculiar ao Bairro do Bengui é a inexistência de espaços públicos para atividades de lazer, sobretudo, para crianças e adolescentes.

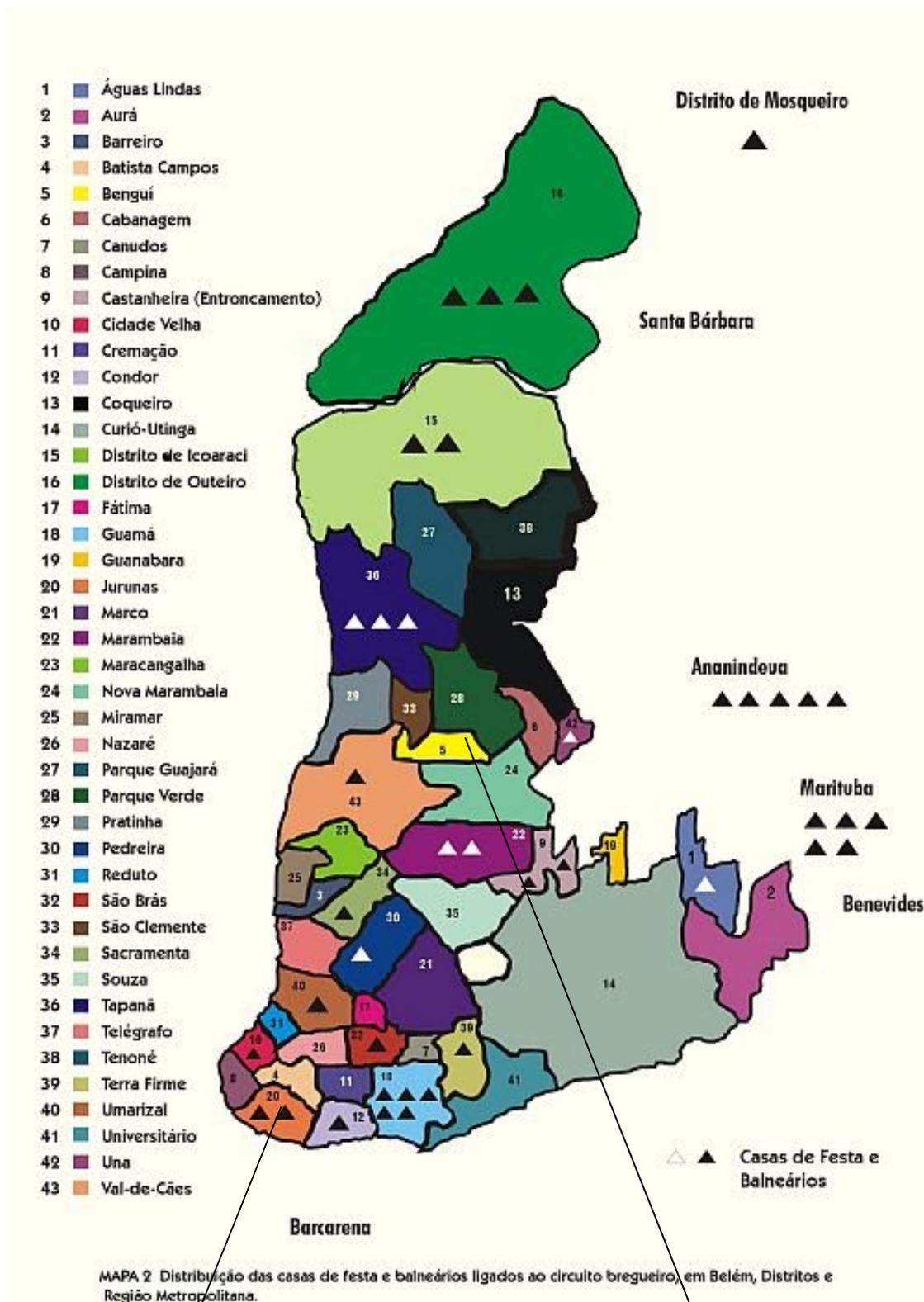
Segundo a Comissão de Bairro de Belém (Relatório 2007), o processo de migração entre as regiões Norte-Nordeste também se verifica pelo perfil dos moradores do bairro: além de belenenses, há pessoas procedentes dos estados do Maranhão, Ceará e Piauí. Mas é exatamente a precariedade do bairro que tem estimulado a organização popular dos moradores.

O Bengui é conhecido como o bairro das lutas. Existe uma intensa mobilização social em torno de temas críticos, como segurança, saúde, educação, moradia, emprego e transporte. Uma das maiores conquistas de seus moradores é a forte organização comunitária, incentivada pelas comunidades eclesiais de base da igreja católica



Foto 5 - Visão aérea do bairro do Bengui – Foto: www.para.gog.br

É nesses dois bairros periféricos de Belém que a República do Pequeno Vendedor desenvolve suas ações, primeiramente no Bairro do Jurunas – 1971, e depois; no Bairro do Bengui – 1982. São esse dois pólos que constituem o local de coleta de dados para nossa pesquisa.



Mata 3 Cidade de Belém localizando os pólos do Jurunas e Benguí.

Jurunas (Polo 1)

Benguí (Polo 2)

Pólo I: Jurunas

Foto 6 - Pórtico de entrada do pólo Jurunas – Foto: Marisa Pinheiro



Foto 7 - Fachada do pólo jurunas – Foto: Marisa Pinheiro

Pólo II: Bengui



Foto 8 - Pórtico de entrada do pólo Bengui - Foto: Marisa Pinheiro



Foto 9 - Parte interna do pólo Bengui - Foto: Marisa Pinheiro